



El lugar del racismo en la enfermería brasileña: una revisión integradora de la literatura

The place of racism in brazilian nursing: an integrative literature review

O lugar do racismo na enfermagem brasileira: uma revisão integrativa da literatura

Felipe Akira Miasato^{1*} & Desirré Mathias Pinheiro da Silva²

¹Doutorando em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Substituto de Saúde Mental na Universidade Federal Fluminense. Membro associado do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1182-6807>; Correo electrónico. felipemiasato@gmail.com

²Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Professora da Faculdade de Medicina de Petrópolis. Coordenadora da equipe técnica da Sala Lilás de Petrópolis/RJ. Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-4008-2624>; Correo electrónico: desirre.mps@hotmail.com

Cómo citar este artículo: Miasato, F. A., & Silva, D. M. P. (2023). El lugar del racismo en la enfermería brasileña: una revisión integradora de la literatura. *Cultura de los Cuidados* (Edición digital), 27(67). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.23111>

Received: 12/08/2023
Accepted: 23/10/2023.



Copyright: © 2023. Remitido por los autores para publicación en acceso abierto bajo los términos y condiciones de Creative Commons Attribution (CC/BY) license.

***Correspondencia:** Endereço: Rua Buarque de Macedo, 70/502, Flamengo – Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22220-030.

Correo electrónico de contacto: felipemiasato@gmail.com

Abstract: Objective: to know the Brazilian scientific production on racism in the nursing profession. Method: an integrative literature review was carried out in the following databases: Scientific Electronic Library Online, Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences, Portal Periodicals of the Commission for the Improvement of Higher Education Personnel and Google Scholar. The following descriptors were used: racism, nursing, nurses and nurses, with the Booleans AND and OR, and



without temporal demarcation. Results: 18 articles were selected in Portuguese, published between 1997 and 2018. Racism appears in the profession since its beginnings, in its training and in the professional market, being approached through a historical perspective, capable of pointing out the black woman as your main target. In recent years, there has been greater academic production on the subject, which has become a way of confronting racism. Final thoughts: academic production on racism in the nursing profession is scarce. There is a silence on the subject that makes it difficult to debate, as well as ways to face this type of violence in the profession. The theoretical-conceptual appropriation of the theme by nursing students and professionals is urgent so that it occupies a relevant place in the scientific literature.

Keywords: Racism; violence; nursing; nurses

Resumen: Objetivo: conocer la producción científica brasileña sobre el racismo en la profesión de enfermería. Método: se realizó una revisión integradora de literatura en las siguientes bases de datos: Scientific Electronic Library Online, Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud, Portal de Revistas de la Comisión para el Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior y Google Scholar. Se utilizaron los siguientes descriptores: racismo, enfermería, enfermeros y enfermeras, con los booleanos AND y OR, y sin demarcación temporal. Resultados: se seleccionaron 18 artículos en portugués, publicados entre 1997 y 2018. El racismo aparece en la profesión desde sus inicios, en su formación y en el mercado profesional, siendo abordado a través de una perspectiva histórica, capaz de señalar a la mujer negra como su principal objetivo. En los últimos años ha habido una mayor producción académica sobre el tema, que se ha convertido en una forma de enfrentar el racismo. Consideraciones finales: la producción académica sobre el racismo en la profesión de enfermería es escasa. Hay un silencio sobre el tema que dificulta el debate, así como las formas de enfrentar este tipo de violencia en la profesión. Urge la apropiación teórico-conceptual del tema por estudiantes y profesionales de enfermería para que ocupe un lugar relevante en la literatura científica.

Palabras clave: Racismo; violencia; enfermería; enfermeras y enfermeros.

Resumo: Objetivo: conhecer a produção científica brasileira sobre o racismo na profissão de enfermagem. Método: foi realizada uma revisão integrativa da literatura, nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Portal Periódicos da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior e Google Acadêmico. Foram utilizados os seguintes des-



critores: racismo, enfermagem, enfermeiras e enfermeiros, com os boleanos AND e OR, e sem demarcação temporal. Resultados: foram selecionados 18 artigos em português, publicados entre os anos de 1997 e 2018. O racismo aparece na profissão desde seus primórdios, em sua formação e no mercado profissional, sendo abordado através de uma perspectiva histórica, capaz de apontar a mulher negra como seu principal alvo. Nos últimos anos, há maior produção acadêmica sobre o tema, que se torna uma forma de enfrentamento ao racismo. Considerações finais: é escassa a produção acadêmica sobre o racismo na profissão de enfermagem. Há um silêncio acerca do tema que dificulta seu debate, bem como formas de enfrentamento a este tipo de violência na profissão. É urgente o apropriação teórico-conceitual do tema por estudantes e profissionais de enfermagem para que este ocupe um lugar relevante na literatura científica.

Palavras-chave: Racismo; violência; enfermagem; enfermeiras e enfermeiros.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre racismo contra pessoas negras envolve, necessariamente, os conceitos de raça e violência. Almeida (2018, p. 22) demonstra que raça “é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico” e “é um fator político importante para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (Ibidem). A violência é um tema é complexo, multifacetado, histórico, encarado como atemporal e existente desde os primórdios da humanidade. Neste artigo, compreende-se a violência como estrutural: não se trata daquela violência corporal direta entre agente e vítima, mas de modos de funcionamento sociais em que certos grupos de pessoas são prejudicados, excluídos e impedidos de atingirem seus potenciais (Galtung, 1969).

Diversos autores e autoras debruçaram-se sobre os conceitos de raça e racismo, a fim de pensá-lo criticamente, como Kabengele Munanga, Achille Mbembe, Frantz Fanon, bell hooks, Toni Morrison, Lélia Gonzales, entre outros(as). Fanon (2008[1952]) afirma que, historicamente, o racismo procurou reduzir o colonizado a um ser inferior, habitante de uma zona de não-ser, porém com potencial para ser humano, se convertido e domesticado



pela educação e pelo trabalho – virtudes civilizadoras eurocêntricas. Assim, o racismo trata não apenas das violências físicas e letais praticadas contra pessoas negras, mas de sociabilidades que procuram, de forma velada, destituir a humanidade dessas pessoas. Este racismo se apresenta de várias formas na vida cotidiana. Kilomba (2019) analisou esses episódios, aparentemente triviais, e concluiu com a defesa da essência estrutural desta forma de violência.

No Brasil, Minayo (2007) demonstra que os níveis elevados de desigualdades sociais, raciais e de gênero representam uma das formas de violência mais contundentes e estruturantes, devido ao seu grau de enraizamento e de sua herança colonial escravocrata. Na sociedade brasileira, recorrentemente, o racismo se apresenta como “sem intenção, às vezes de brincadeira, mas sempre com consequências sobre os direitos e oportunidades de vida dos atingidos” (Guimarães, 1999, p. 67). Também apontado por Almeida (2018, p. 19), “o racismo à brasileira é zelosamente guardado, porque é sutil, engenhoso; a bem dizer, mascarado”.

Isto posto, pesquisadores (Santana et al., 2019; Werneck, 2016; Goes & Nascimento, 2013) apontam para a questão do racismo reproduzido e praticado nas instituições de saúde, entre pares de profissionais da saúde, entre usuários dos serviços, bem como na educação universitária na área da saúde. Contudo, nem sempre o campo da saúde e da ciência trabalharam em prol da diminuição das desigualdades raciais. Pelo contrário, a história brasileira permite verificar ações desses campos que buscaram criminalizar e patologizar o negro e a negra, erradicá-los da sociedade ou transformá-los, como visto nas teorias raciais e eugênicas do século XIX, que tinham como meta “melhorar a raça nacional” e a manutenção da supremacia branca (Gioppo, 1996).

Assim, objetiva-se, aqui, conhecer a produção científica brasileira sobre o racismo na profissão de enfermagem. Esta profissão corresponde a cerca 50% do total de trabalhadores da área da saúde no Brasil, e é considerada nuclear nos sistemas de saúde, presente em todas as estruturas organizaci-



onais de saúde do país, e em todos os municípios brasileiros (Silva & Machado, 2020). Segundo dados da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Machado et al., 2015), são 1,4 milhões de técnicos e auxiliares de enfermagem, representando 77% dos trabalhadores de enfermagem, e 414 mil enfermeiros. Há predominância de 85% do sexo feminino na profissão. Outra informação importante diz respeito às características de cor ou raça: 58% dos enfermeiros são brancos, enquanto 57,5% dos técnicos e auxiliares são negros (pretos e pardos). A discrepância absoluta chama a atenção para a necessidade de estudos relativos à raça/etnia na profissão, visando desvelar e analisar as relações sociais produzidas na área.

METODOLOGIA

Este é um artigo de revisão integrativa, de abordagem qualitativa. É um método específico capaz de reunir e sintetizar prévios estudos teóricos e/ou empíricos, a fim de construir conhecimento aprofundado sobre determinado assunto, que permite a inclusão de estudos com métodos variados, determinando o conhecimento atual sobre a temática pesquisada (Broome, 2000). Seis etapas foram seguidas para sua construção (Mendes et al., 2008): 1) a elaboração da pergunta norteadora; 2) a busca na literatura e determinação da amostragem; 3) categorização dos estudos a partir da definição das informações a serem deles extraídas; 4) análise crítica dos estudos incluídos na revisão; 5) interpretação e discussão dos resultados, e 6) apresentação da revisão. Utilizou-se o protocolo Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Moher et al., 2009), com fluxograma apresentado na Figura 1.

As buscas ocorreram nos meses de julho e agosto de 2020, nas seguintes bases: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Portal Periódicos da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Portal de Periódicos CAPES) e Google Acadêmico. Na estratégia de busca, sem delimitação do período de publicação, foram utilizados os Descritores em Ciências



da Saúde (DeCS) “racismo”, “enfermagem” e “enfermeiras e enfermeiros”, e as palavras chave “discriminação racial”, “enfermeiros negros” e “enfermeiras negras” em diferentes combinações com os booleanos AND e OR.

Foram incluídos: 1) estudos originais brasileiros, disponíveis na íntegra em língua portuguesa, espanhola ou inglesa; 2) em livre acesso, cujos objetivos acordassem com a questão norteadora; 3) estudos nos quais o racismo e a profissão de enfermagem fossem abordados de forma diretamente relacionada, e 4) aqueles em que o objeto de pesquisa se referisse ao profissional de enfermagem negro(a), mas que apresentasse discussão acerca do racismo na profissão. Foram excluídas entrevistas, resenhas, resumos de trabalhos publicados em anais de congressos, e os estudos que abordassem e/ou discutissem sobre ações de enfermagem no enfrentamento ao racismo referente à população geral, sem que necessariamente abordassem o racismo dentro da própria profissão.

A pesquisa resultou em 133 publicações (SciELO: 7; Portal de Periódicos CAPES: 51; LILACS: 61; Google Acadêmico: 14). A primeira avaliação dos dados foi realizada através da leitura dos títulos, com posterior exclusão dos estudos duplicados. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, e posterior leitura dos resumos, trinta estudos foram selecionados; a partir da leitura criteriosa destes na íntegra, dezoito foram selecionados para a revisão (Figura 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados onze artigos publicados em revistas científicas, quatro dissertações, uma tese, uma monografia e um trabalho completo publicado em anais de congresso. Os estudos concentram-se nas áreas de Ciências da Saúde e de História. Nos meses de setembro e outubro de 2020, os estudos foram organizados e categorizados de



acordo com as informações a serem extraídas e analisadas, com posterior análise e discussão dos resultados. A apresentação sintetizada desses estudos encontra-se no Quadro 1.

Quadro 1: Distribuição dos estudos selecionados.

Autores	Título	Periódico	no
Jezuino, A. L.	Perfil social da população negra no Brasil: Implicações para a profissão enfermagem	Revista Brasileira de Enfermagem	997
Sena, A. R. M. F.	Aspectos étnicos na configuração da enfermagem moderna no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30	Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro	999
Campos, P. F. S	Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira	Cultura de los cuidados	007
Santiago, E. S.; Oguisso, T.; Campos, P. F. S	Racismo e preconceito: depoimentos de enfermeiros afro-descendentes egressos da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo	Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental	010
Medeiros, R. M.	Com a Palavra a Mulher Negra – [a vez] e a voz de Enfermeiras Afro-Descendentes a respeito de suas Representatividades Discursivas: um fio condutor para uma nova abordagem educativa	Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos	010
Bonini, B. B.	Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado	Dissertação de Mestrado – USP	010
Lima, B. S.	Mulheres negras e profissionais da Enfermagem; quando o invisível torna-se visível e dizível	Dissertação Mestrado - UNIFESP	011
Campos, P. F. S	Cuidadoras negras no Brasil	Acta Científica	012
Gonçalves, M. E. S.	A invisibilidade da mulher negra na enfermagem profissional brasileira	Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do IFBA	012
Campos, P. F. S	História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930	Revista de Enfermagem Referência	012



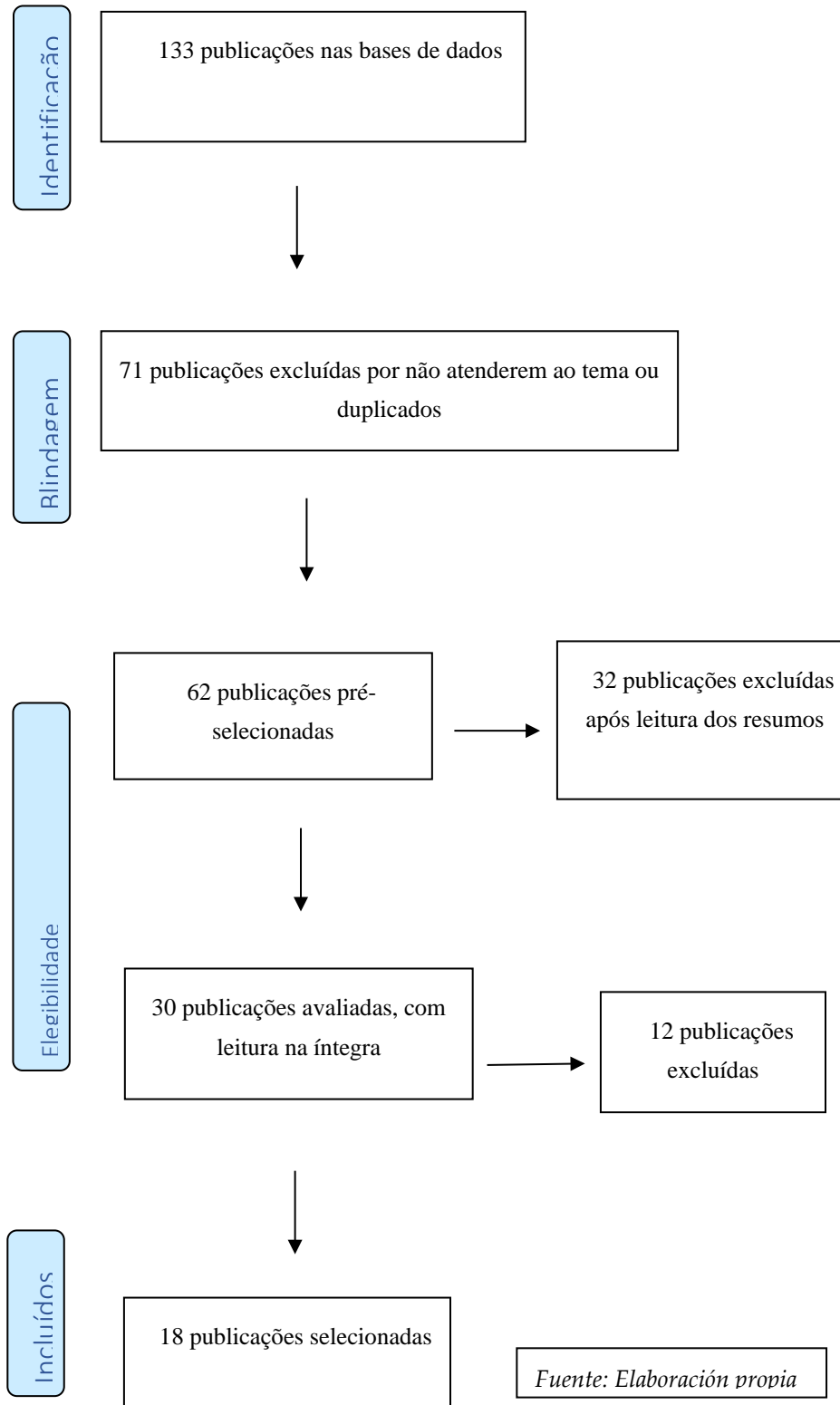
Cultura de los Cuidados. 3º Cuatrimestre 2023. Año XXVII. nº 67

Low, L.	Enfermeiras negras na Revolução Constitucionalista de 1932	Dissertação de Mestrado - USP	013
Low, L. e Oguisso, T.	Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história	Cultura de los cuidados	013
Pinheiro, C. W., et al.	O cuidado das amas-de-leite e o protagonismo do negro na história da enfermagem: uma luta por equidade	História da Enfermagem: Revista Eletrônica	015
Mendes, V. S.; Candida, C. S.; Ribeiro, R. L. R.	Racismo biológico e suas implicações no ensinar-cuidar a saúde da população negra	Revista da ABPN	015
Loureiro, P. R. A.; Moreira, T. B. S.; Nascimento Junior, A.	Discriminação Racial no Mercado de Enfermagem no Brasil Evidências a Partir de Estimativa de Dados em Painel	Revista Análise Economica	016
Campos, P. F. S.; Carrijo, A. R.	Ilustre inominada Lydia das Dôres Matta e enfermagem brasileira pós-1930	História, Ciências, Saúde - Manguinhos	018
Barbosa, L. R., et al.	A resistência das lideranças femininas negras no movimento estudantil frente a sociedade	X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros	018
Nascimento Junior, C. B. O.	BLACK LADIES NURSES! SIM; Enfermeiras negras e a construção da identidade da Enfermagem no Brasil	Monografia Conclusão de Curso de – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	018

Fuente: Elaboración propia



Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos, PRISMA, Rio de Janeiro (RJ), 2020.





A discussão dos resultados foi organizada em quatro blocos temáticos, categorizados a partir do conteúdo dos estudos, de acordo com informações qualitativamente relevantes ao objeto de pesquisa.

Bloco 1: Que racismo? Conceituações e abordagens teóricas

Há carência de conceituações teóricas do racismo em grande parte das pesquisas analisadas (Campos, 2012a; Campos, 2012b; Campos, 2015; Campos et al., 2007; Gonçalves, 2012; Jezuíno, 1997; Nascimento Junior, 2018; Pinheiro et al., 2015; Sena, 1999), visto que, por vezes, a discussão assume um caráter pré-concebido do conceito, utilizando-o de forma abrangente e confundindo-o como sinônimo de outros conceitos que se referem a outros processos e experiências como desigualdade, preconceito e discriminação.

Evidenciou-se que o racismo é caracterizado a partir de sua relação à herança colonial brasileira, onde seus primórdios são discutidos como consequência das teorias eugênicas e dos ideais de branqueamento populacional (Campos, 2012b; Goes & Nascimento, 2013; Gonçalves, 2012; Loureiro et al., 2016; Nascimento Junior, 2018; Pinheiro et al., 2015; Werneck, 2016). Todos os estudos selecionados resgataram a história do Brasil, especialmente do período da Primeira República, onde discorrem sobre a construção de representações sociais de pessoas negras como degeneradas, sujas e sem capacidade intelectual – o que conduziria a um racismo persistente na sociedade brasileira.

Por outro lado, autores e autoras (Barbosa et al., 2018; Bonini, 2010; Lima, 2011; Löw, 2013; Löw & Oguisso, 2013; Santiago & Campos, 2010) procuraram conceituar o racismo, ora por definições concisas dos dicionários de língua portuguesa, ora por autores relevantes na área como Albert Memmi e Kabengele Munanga.

Racismo biológico, estrutural e institucional também são alvos de discussões na literatura brasileira de enfermagem (Barbosa et al., 2018; Loureiro & Moreira, 2016; Lima, 2011; Medeiros, 2010; Mendes et al., 2015; Nascimento Junior, 2018). O racismo biológico parece relevante para o entendi-



mento de suas apresentações sutis na formação profissional de enfermagem, tanto em seus primórdios quanto na atualidade, considerando-o como uma das bases constitucionais da profissão (Mendes et al., 2015). Já as formas de racismo estrutural e institucional não aparecem conceituadas com aprofundamento. A apresentação do racismo enquanto uma forma de violência é observada em poucos estudos (Bonini, 2010; Lima, 2011; Medeiros, 2010), indicando a necessidade do aprofundamento dessas discussões teóricas no campo da enfermagem.

Bloco 2: Onde o racismo aparece?

O racismo é abordado qualitativamente, com perspectiva histórica, e é revelado através de sua própria história oficial, narrada de um ponto de vista hegemônico e branco. Há ênfase, nos estudos, sobre os acontecimentos referentes à estruturação profissional de enfermagem no Brasil (Campos, 2012a; Campos, 2012b; Campos et al., 2007; Nascimento Junior, 2018; Piniheiro et al., 2015). O esquecimento ou apagamento de enfermeiras e cuidadoras negras brasileiras da história da enfermagem aparece tanto pela ausência de discursividade relativas às enfermeiras negras na Revista Brasileira de Enfermagem (REBen), como observado por Medeiros (2010), quanto pela escassa produção relativa ao racismo na profissão, evidenciada por todos os autores e autoras incluídas nesta revisão. Ainda, autores verificaram a presença do discurso eugênico entre enfermeiras, bem como publicações deste tipo na REBen, através de documentos analisados por Gonçalves (2012) e por Mendes, Costa e Ribeiro (2013).

O racismo aparece menos velado quando se atenta ao modelo de enfermeira padrão trazido pela Missão (civilizadora) Parsons (Campos, 2012a; Campos, 2012b; Campos et al., 2007; Jezuino, 1997; Nascimento Junior, 2018). No bojo da enfermagem moderna, às mulheres negras e homens eram barrados o acesso à formação profissional. A imagem da enfermeira ideal, pautada na mulher branca, culta, de bons valores e costumes, era



oposta à imagem construída da população negra brasileira, nos anos 1920 (Campos, 2012a; Campos, 2012b; Gonçalves, 2012; Löw, 2013).

Autores (Campos, 2012a; Sena, 1999) discutem em detalhes os processos seletivos discriminatórios das primeiras escolas de enfermagem do país, ao recusarem candidatas negras, ou ao fazerem observações escritas em suas fichas de admissão com as palavras “black” (negra) ou “very dark” (muito escura), referindo-se à cor da pele das candidatas. Mesmo as primeiras acadêmicas negras de enfermagem, na Universidade de São Paulo, não foram poupadas: sofreram graves ataques racistas de suas veteranas e docentes. Porém, construíram importantes trajetórias na profissão, resgatadas por Campos (2018) como “ilustres inominadas”.

As atitudes racistas no âmbito acadêmico aparecem “à brasileira”, na forma de apelidos, brincadeiras, piadas, ou na recusa de estabelecimento de laços sociais (Santiago & Campos, 2010; Bonini, 2010). Aparecem também nas tentativas de apagamento, desqualificação e silenciamento de estudantes negras em cargos de liderança, como nos movimentos estudantis ou centros acadêmicos (Barbosa et al., 2018; Gonçalves, 2012). Tais ataques geralmente provém de colegas de classe e de docentes, como evidenciado por Bonini (2010). Mendes, Costa e Ribeiro (2015) expuseram o lugar ocupado pelos docentes em uma lógica epistemológica hegemônica e de estrutura racista, onde representam o negro como potenciais patogênicos a certos tipos de doença, sem o reconhecimento do racismo e suas consequências que influenciam nesse processo.

O racismo aparece no mercado profissional, cujo ingresso é vivenciado de forma temerosa por egressos negros, quando encontram dificuldades de contratação, especialmente em hospitais privados ou naqueles fundados por colônias imigrantes (Bonini, 2010; Lima, 2011). Entre 1992 e 2011, existiu significativa discriminação racial no mercado de trabalho em enfermagem no Brasil, em relação aos salários distribuídos (Loureiro et al., 2016). A situação piora ao ser considerado o contingente de trabalhadoras da enfermagem, majoritariamente mulheres negras, onde a diferença salarial é ainda



maior quando comparada aos homens brancos ou negros e às mulheres brancas (Goes & Nascimento, 2016).

Bloco 3: A enfermeira e cuidadora negra

O cuidado e a mulher negra brasileira têm estreita relação, desde o Brasil Colônia, seja na figura das amas-de-leite, babás ou mães pretas, que foram escondidas na história, e iluminadas com recentes pesquisas que buscaram novas lentes para enxergar o passado (Campos, 2012a; Campos, 2012b; Campos et al., 2007). A ideia representativa da mulher negra como forte, saudável, resistente, a colocou no lugar de trabalho manual que permanece nos tempos atuais, agora nos papéis da técnica e auxiliar de enfermagem (Oliveira & Kubiak, 2019; Campos, 2015). À estas mulheres, couberam significar o ser negra e ser enfermeira, desvelando, além do racismo, outras formas de violências, como a violência institucional, violência de gênero e a violência doméstica (Lima, 2015).

Biografias de enfermeiras negras, esquecidas no tempo e testemunhas do racismo, vieram à superfície a partir do reconhecimento de suas atuações na Revolução Constitucionalista de 1932, com atenção especial à Maria José Barroso, conhecida como Maria Soldado (Löw, 2013), às primeiras discentes da USP e suas trajetórias ímpares na enfermagem, como Lydia das Dores Matos, Josephina de Melo e Maria de Lourdes Almeida (Lima, 2011; Löw & Oguisso, 2013), bem como às contribuições de outras enfermeiras negras como Rosalda Nogueira Paim, Izabel Santos e Maria Stella de Azevedo Santos (Nascimento Junior, 2018).

A mulher negra foi colocada às margens da enfermagem através da narrativa oficial da história da profissão – que tratou de marginalizar, também, Mary Seacole, que atuou com Florence Nightingale na guerra da Criméia em 1854 (Gonçalves, 2012; Löw e Oguisso, 2013).

Bloco 4: O enfrentamento do racismo

Os próprios estudos incluídos nesta revisão constituem-se como meios de enfrentamento ao racismo na profissão de enfermagem. Chama-se a <https://culturacuidados.ua.es>



atenção para as novas perspectivas históricas que permitem resgatar memórias e eventos até então omitidos. Essas pesquisas ocupam importante lugar neste campo, visto a possibilidade de desconstruir estereótipos e romper a cristalização padronizada de uma imagem ideal, fornecendo matéria prima para novas formas de pensar o ensino da profissão de enfermagem (Campos, 2012a; Lima, 2011; Mendes et al., 2015).

Se nas primeiras escolas brasileiras de enfermagem eram vetadas as candidatas negras, hoje encontram-se estudantes mobilizadas e organizadas em coletivos de enfrentamento ao racismo e às outras formas de violência, como na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): o Coletivo de Negritude Maria Soldado, o primeiro desta instituição (Barbosa et al. 2018).

O crescente enfrentamento na forma de pesquisas sobre o tema pode ser percebido ao longo dos anos, com especial contribuição advinda da Universidade de São Paulo, e do número relativamente alto de dissertações e teses, tornando visíveis as inquietações dos acadêmicos de enfermagem que contribuem com a produção de conhecimento sobre o tema na academia (Barbosa et al., 2018; Bonini, 2010; Lima, 2011; Löw, 2013; Medeiros, 2010; Nascimento Junior, 2018; Sena, 1999).

Ademais, é preciso reconhecer que o racismo na enfermagem é uma questão global, não restrita ao Brasil. Estudos internacionais (Beard & Julion, 2013; Hassouneh, 2013; Markey & Tilki, 2007; Puzan, 2003; Stibe & Ajayi, 2013) apontam que enfermeiros apresentam dificuldades em admitir a presença do racismo nas relações, bem como em lidar com essa violência no ambiente de trabalho ou de ensino, gerando profundo silêncio sobre o tema. Tal silêncio repercute no currículo acadêmico, no treinamento e prática profissional, que se voltam para uma branquitude da enfermagem (Puzan, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inquietante silêncio da enfermagem brasileira sobre o tema parece colocar o racismo em um lugar quase irreconhecível na profissão. É urgente o



seu debate, e mostra-se promissora a nova geração de enfermeiras e enfermeiros que se utilizam de movimentos estudantis, monografias, dissertações e teses como meios de transformações e fundamentações teóricas no direcionamento da profissão aos diálogos que por tantos anos permaneceram em um lugar de silêncio.

As questões raciais discriminatórias estão presentes desde a estruturação da enfermagem no país, porém esquecidas ou ocultadas pela historiografia. Novas perspectivas históricas em diálogo com outros campos, como o das Ciências Sociais e Humanas, tornaram possível a construção de novas narrativas que levantaram críticas e reflexões acerca da enfermagem brasileira.

O racismo na enfermagem é um tema ainda pouco pesquisado no Brasil. Os estudos aqui revisados demonstram a constância do racismo na profissão, em suas diversas formas, onde o principal alvo é a mulher negra, invisibilizada nos discursos acadêmicos e sociais, sendo esta impactada simultaneamente pela opressão racial e de gênero.

REFERÊNCIAS

Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.

Barbosa, L. R., Domingos, E. J., Magno, K. M. S., Oliveira, A. S., & Tavares, G. S. (outubro de 2018). A resistência das lideranças femininas negras no movimento estudantil frente a sociedade. *X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros*, Uberlândia, Minas Gerais. Recuperado de https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1530408402_ARQUIVO_COPENETRABALHOFINALFINALSUPERFINAL2018.pdf

Beard, K. V., & Julion, W. A. (2016). Does race still matter in nursing? The narratives of African-American nursing faculty members. *Nurs Outlook*, 64(6), 583-96. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27432213/>

Bonini, B. B. (2010). *Ser enfermeiro negro na perspectiva da transculturalidade do cuidado.* (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Broome, M. E. (2000). Integrative literature reviews for the development of concepts. Em *Concept Development in Nursing* (pp. 231-250). Philadelphia: Saunders Company.

<https://culturacuidados.ua.es>



- Campos, P. F. S. (2012a). História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Rev Enferm Ref*, III(6), 167-177. Recuperado de <https://scielo.pt/pdf/ref/vserIIIIn6/serIIIIn6a16.pdf>
- Campos, P. F. S. (2012b). Cuidadoras negras do brasil. *Acta científica*, 21(3), 11-20. Recuperado de <https://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/63>
- Campos, P. F. S. (2015). As enfermeiras da Legião Negra: representações da enfermagem na revolução constitucionalista de 1932. *Faces de Eva*, 33, 53-65. Recuperado de <https://scielo.pt/pdf/eva/n33/n33a07.pdf>
- Campos, P. F. S. (2019). Ilustre inominada: Lydia das Dôres Matta e enfermagem brasileira pós-1930. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, 26(1), 165-185. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/DQDjy4pnBtPSkMf8KJ5WmRj/?lang=pt>
- Campos, P. F. S., Oguisso, T., & Freitas, G. F. (2007). Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira. *Cult los Cuid.*, 9(22), 33-9. Recuperado de https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6630/1/CC_22_05.pdf
- Damasceno, M. G., & Zanello, V. M. L. (2018). Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. *Psicol Ciência e Profissão*, 38(3), 450-64. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPLSxD-cHDhDccZgpk3GNVG/?lang=pt>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Galtung, J. (1969). Violence, peace, and peace research. *Journal of Peace Research*, 6, 167-191. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/422690>
- Gioppo, C. (1996). Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. *Educ. rev.*, 12, 167-180. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/er/a/rgvGSgcssyWZnf4zbCnHkSN/?lang=pt>
- Goes, E. F., & Nascimento, E. R. (2013). Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades. *Saúde em Debate*, 37(99), 571-9. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/kw9SwJT5SHMYty6dhTYvsGg/abstract/?lang=pt>
- Gonçalves, M. (2012). A invisibilidade da mulher negra na enfermagem profissional brasileira. *Revista Pindorama*, 53(9), 1689-99. Recuperado de <https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/379>
- Guimarães, A. S. A. (1999). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34.
- Hassouneh, D. (2013). Unconscious racist bias: Barrier to a diverse nursing faculty. *J Nurs Educ*, 52(4), 183-4. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23550788/>



Heringer, R. (2002). Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. *Cad. Saúde Pública*, 18(suppl), 57-6. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/csp/a/sqxP3HJB58RwMKVHNPCdNyw/abstract/?lang=pt>

Jejuino, A. L. (199). Perfil social da população negra no Brasil: implicações para a profissão enfermagem. *Rev. bras. Enferm*, 50(4), 485-96. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/reben/a/bXgDhP4zRyQCHfVZrxPKsry/abstract/?lang=pt>

Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Loureiro, P. R. A., Moreira, T. B. S., & Nascimento Júnior, A. (2016). Discriminação Racial No Mercado De Enfermagem No Brasil: Evidências a Partir De Estimativa De Dados Em Painel. *Análise Econômica*, 34(66), 173-92. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/AnaliseEconomica/article/view/51214>

Lima, B. S. (2011). *Mulheres negras e profissionais da Enfermagem; quando o invisível torna-se visível e dizível*. (Dissertação de mestrado) – São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

Löw, L. (2013). *Enfermeiras negras na revolução constitucionista de 1932*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Löw, L., & Oguisso, T. (2013). Mary Seacole e Maria Soldado: Enfermeiras negras que fizeram história. *Cult los Cuid*, 18(38), 64-70. Recuperado de https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36985/1/Cult_Cuid_38_09.pdf

Machado, M. H. (2015). Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. Rio de Janeiro: *NERHUS-DAPS-Ensp/Fiocruz e COFEN*. Recuperado de <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>

Markey, K., & Tilki, M. (2007). Racism in nursing education: a reflective journey. *Br J Nurs*, 16(7), 390-3. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17505358/>

Medeiros, R. M. (2010). *Com a palavra a mulher negra - [a vez] e a voz de enfermeiras afro-descendentes a respeito de suas representatividades discursivas: um fio condutor para uma nova abordagem educativa*. (Tese de doutorado). São Leopoldo, RS: Universidade Vale do Rio dos Sinos.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto – enferm*, 17(4), 758-64. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqN-jKJLkXQ/abstract/?lang=pt>

Mendes, V. S., Costa, C. S. & Ribeiro, R. L. R. (2015). Racismo biológico e suas implicações no ensinar-cuidar a saúde da população negra. *Revista da ABPN*, 7(16), 190-213. Recuperado de https://redib.org/Record/oai_articulo2209958-racismo-biol%C3%B3gico-e-suas-implic%C3%A7%C3%B5es-ensinar-cuidar-a-sa%C3%BAde-da-poula%C3%A7%C3%A3o-negra



- Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- Minayo, M. C. S. (2007). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. Em *Impactos da Violência na Saúde* (pp. 21-42). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). The PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA Statement. *J Clin Epidemiol*, 62(10), 1006-12. Recuperado de <https://www.bmj.com/content/339/bmj.b2535>
- Nascimento Junior, C. B. O. (2018). *BLACK LADIES NURSES?! SIM: Enfermeiras negras e a construção da identidade da Enfermagem no Brasil*. (Monografia de Graduação). Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- Oguisso, T., Campos, P. F. S. & Moreira, A. (2011). Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. *Enferm em Foco*, 2(SUP), 68-72. Recuperado de <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/85>
- Oliveira, B. M. C., & Kubiak, F. (2019). Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. *Saúde debate*, 43(122), 939-48. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/VL3mkyvXRQbKMZKqVbb5mdd/?lang=pt>
- Pinheiro, C. W., Araújo, A. S., Vasconcelos, A. P. N., Freitas, D. J. N., Alencar, H. C. N., & Rolim, K. M. C. (2015). O cuidado das amas-de-leite e o protagonismo do negro na história da enfermagem: uma luta por equidade. *Hist enferm Rev eletronica*, 6(1), 124-34. Recuperado de http://here.abennacional.org.br/here/9_AR_01015_MM.pdf
- Puzan, E. (2003). The unbearable whiteness of being (in nursing). *Nurs Inq.*, 10(3), 193-200. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12940974/>
- Santana, R. A. R., Akerman, M., Faustino, D. M., Spiassi, A. L., & Guerriero, I. C. Z. (2019). A equidade racial e a educação das relações étnico-raciais nos cursos de Saúde. *Interface (Botucatu)*, 23, 1-15. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/icse/a/fcFjjTxbDtytgD9dXx-dVcJK/abstract/?lang=pt>
- Santiago, S., & Campos, P. F. S. (2010). Racismo E Preconceito: Depoimentos De Enfermeiros Afro-Descendentes Egressos Da Escola De Enfermagem Da Universidade De São Paulo. *Rev Pesqui Cuid é Fundam Online*, 2(4), 1303-12. Recuperado de <https://www.re-dalyc.org/pdf/5057/505750833005.pdf>
- Sena, A. R. M. F. (1999) *Aspectos étnicos na configuração da enfermagem moderna no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30*. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Silva, M. C. N., & Machado, M. H. (2020). Health and work system: Challenges for the nursing in Brazil. *Ciênc. saúde coletiva*, 25(1), 7-13. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/csc/a/wqFyYK4y49f8WZPmkvrwVsQ/abstract/?lang=en>



Cultura de los Cuidados. 3º Cuatrimestre 2023. Año XXVII. nº 67

Stone, T. E., & Ajayi, C. (2031). "There comes a time when silence is betrayal": Racism and nursing. *Nurs Health Sci.*, 15(4), 407-9. Recuperado de <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24299033/>

Werneck, J. (2016). Racismo institucional e saúde da população negra. *Saude e Soc.*, 25(3), 535-49. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/sau-soc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>